Conclusão

Arrepender-se ou perecer: tal é a alternativa deixada ao culpado, qualquer que seja o seu nome.

Melhor do que qualquer raciocínio, a história do bom Ladrão a põe em plena luz. Mais algumas horas sem arrependimento, e Dimas estava perdido.

Para os povos, não menos que para os indivíduos, essa alternativa é inevitável: a razão é simples.

Não se arrepender quando se é culpado é pretender ser culpado impunemente.

Pretender ser culpado impunemente é tirar a Deus a justiça e ao homem a responsabilidade de seus atos; é querer viver, violando a lei fundamental da vida: pois a vida é a ordem.

A ordem existe quando cada coisa está em seu lugar: em cima, o que, segundo as leis eternas, deve estar em cima; embaixo, o que deve estar embaixo.

Pôr em cima o que, segundo as leis eternas, deve estar embaixo, e embaixo o que deve estar em cima: Deus no lugar do homem, e o homem no lugar de Deus; é a desordem.

Pretender viver nela, viver nela impunemente, é querer manter em cima o que deve estar embaixo, e embaixo o que deve estar em cima: Deus no lugar do homem, e o homem no lugar de Deus.

De todas as impossibilidades, essa é a maior.

Para o indivíduo, perecer é perder a paz deste mundo e a vida eterna do outro. Para as nações, que não vão em corpo ao outro mundo, perecer é marchar de revoluções em revoluções, até que, dilacerando-se com as próprias mãos, ou caindo sob os golpes de algum poderoso vizinho, sofram o inexorável decreto de morte lavrado contra a revolta obstinada.

Assim acabaram todas as nações do mundo antigo.

Ao contrário, arrepender-se é viver, pois é voltar à ordem, isto é, repor cada coisa em seu lugar, Deus em cima e o homem embaixo.

Desse nobre arrependimento, garantia necessária de vida e de felicidade, o Ladrão do Calvário é o modelo acabado. Última obra-prima do Redentor expirante, foi deixado ao mundo como um tipo imortal. O Deus Salvador, cuja misericórdia é imutável, pode e quer realizá-lo em todos os pecadores, por desesperados que sejam. Ele mesmo nos dá a sua infalível palavra: *«Porque o Filho do homem veio buscar, e salvar o que tinha perecido.»* Sim, tudo, sem exceção, povos e indivíduos; tudo o que quiser ser salvo, mesmo os ladrões de estrada.

Que resta, pois, a dizer aos pecadores, e sobretudo ao grande Ladrão que se chama o Século Dezenove? Uma só palavra: arrependimento.

Dirigindo-se aos primeiros, a fé lhes diz: Exceto a inocência, sois grandes crianças que vos deixais fascinar por vosso implacável inimigo. Vede esses filhos de reis: em suas mãos acha-se às vezes uma pedra preciosa. Apresenta-se um tratante. Em troca de seu tesouro, oferece-lhes algumas guloseimas de que a sua idade é ávida, e a pérola escapa-lhes das mãos.

Assim faz o demônio convosco. O astuto inimigo das almas, diz santo Agostinho, apresenta-vos um fruto enganador e rouba-vos o Paraíso: *Porrigit pomum et surripit Paradisum*. Filhos de reis, herdeiros de um trono, por bastante tempo fizestes ofício de ingênuos; é tempo de tornar-vos sábios. Imitai o bom Ladrão. Culpados como ele, como ele sabei arrepender-vos. Ao ver um veterano do crime, já no patíbulo, obter em poucos instantes a sua graça e a felicidade eterna, quem pode desesperar? *Quis hic desperet, Latrone sperante?* (*«Quem aqui desesperaria, esperando o Ladrão?»*)

Quanto ao Século Dezenove, a quem dedicamos esta história, as palavras seguintes, vindas do longínquo das idades, parecem escritas expressamente para ele.

> *Entra enfim em ti mesmo, velho Adão. Considerando o Ladrão do Calvário, vê onde te buscou o novo Adão e em que estado te achou. Nas chagas de seu corpo mostrou-te as ignomínias de tua alma. Tu fugias dele; e correr atrás de ti, chamando-te e chorando, por entre bofetadas, açoites e toda sorte de ultrajes desconhecidos, não lhe bastou.*

> *Perseguiu-te até a cruz, aonde os teus crimes te tinham conduzido, e ali te achou, já meio morto, e te salvou. Quem foi, com efeito, esse ladrão, senão Adão? Desde o dia em que, no Paraíso, se tornou homicida de si mesmo e de sua raça, o pai do gênero humano fugiu carregado de seu crime, para longe de Deus, e se escondeu, até que, enfim pregado a uma cruz, já não lhe foi possível fugir nem esconder-se. Ali, apanhado por vós, ó bom Jesus, e convertido, confessou a sua falta e de bom grado aceitou-lhe o castigo. Para animá-lo a sofrer, dignastes-vos pôr-vos vós mesmo a seu lado, para sofrer com ele.*[1]

Eis bem o Século Dezenove. Em plena insurreição contra o cristianismo e contra a Igreja, pretende viver sem eles, longe deles, apesar deles. Vãos esforços! Semelhante ao cavalo de picadeiro a quem se vendaram os olhos, perdeu o instinto de sua conservação e se esgota em girar num círculo intransponível. A todos os pontífices da sabedoria humana pede a ordem e a paz e só chega a desenganos. Entretanto a fermentação revolucionária se estende por toda parte; os sintomas de convulsão acentuam-se cada vez mais; as faltas se multiplicam, a culpabilidade se agrava; o poder das trevas cresce a olhos vistos: e o Século Dezenove não se converte!

Que concluir disso? Como Deus terá a última palavra, é preciso concluir que se aproxima a hora da crucificação. Já, se quiser dar ouvidos, o Século Dezenove ouvirá ressoar o machado e o martelo dos numerosos trabalhadores que, em suas furnas subterrâneas, lhe fabricam a cruz. É ali, no patíbulo do Socialismo e da Barbárie, afirmados, como dizem os seus apóstolos, pelo Ateísmo e pelo Materialismo, que se achará face a face com Deus.[2] Em suas mortais angústias, que se lembre do Calvário. Ali houve dois ladrões em cruz; e, se não quer perecer como o mau, que diga como o bom:

> *Sofro justamente; mas o cristianismo que tanto blasfemei; mas a Igreja que tanto persegui não fizeram mal algum. Fundador do cristianismo e da Igreja, Jesus, Redentor do mundo, lembrai-vos de mim, quando, sobre as ruínas de tudo o que deve perecer, tiverdes restabelecido o vosso reinado: ARREPENDO-ME.*

Há alguns anos sobretudo, a Providência, sempre lenta em punir, parece redobrar de esforços, multiplicando, golpe sobre golpe, os motivos de temor e de esperança, a fim de levar aos lábios do Século Dezenove essa palavra de salvação.

Mal pronunciada, essa milagrosa palavra faz tudo voltar à ordem, fecha a era das revoluções e prepara ao mundo o mais brilhante futuro. Tornadas de novo as filhas dóceis de sua mãe e pondo a seu serviço os imensos tesouros de gênio, de força e de atividade de que dispõem, as nações do Ocidente derrubarão sem custo as barreiras seculares que detêm a civilização cristã nas fronteiras do Oriente.

Então, retomando o Príncipe da paz o seu império, realizar-se-á o triunfo universal da Igreja, pressentido por uns, anunciado por outros, desejado por todos e, ao que parece, visivelmente preparado pelo desenvolvimento, sem exemplo e sem razão aparente, de todas as obras católicas no mundo inteiro.

Hora bendita em que o Deus Redentor, tornado, segundo os seus votos, o único pastor de um só rebanho, e deixando os fariseus de hoje, como os fariseus de outrora, acusá-lo de ser o amigo dos pecadores, se mostrará ao século XIX o que foi para Dimas, para a jovem penitente de Mágdala, para o filho pródigo, para a ovelha perdida e reencontrada: a incompreensível misericórdia e a incompreensível ternura.

Hora bendita! em que o século XIX, grande pecador e grande ladrão, mas, como o ladrão do Calvário, grande penitente e grande apóstolo, ouvirá a palavra que dissipará todos os seus temores, aplacará todos os seus ódios, curará todas as suas chagas: *«Que hoje serás comigo no paraíso»*: *Hodie mecum eris in Paradiso*.

Assim se dará plenamente; pois o arrependimento é a paz; a paz é a tranquilidade da ordem; a ordem é o paraíso da terra.

FIM.

Notas

[1] *Tu enim admonebas ne pati abhorreret, quod te quoque secum pati videret.* («Tu, com efeito, o advertias para que não tivesse horror de padecer, vendo que também tu padecias com ele.») *Vitis Myst.*, cap. VI.

[2] Na própria hora em que escrevemos estas linhas, o chefe do grande exército revolucionário, Mazzini, convoca os seus soldados ao combate e lhes anuncia que chegou a hora de acabar com a ordem atual. «A velha Europa morre! Vamos, despertai! Não ouvis, pois, esses rumores subterrâneos, como de um navio quebrado pela tempestade, um rumor de ruína iminente? É a velha Europa que estala; é o tempo que rói uma época. E não ouvis esse frêmito, esse murmúrio de fermentação secreta, esse sopro misterioso que sacode e passa como a brisa sobre o mar, como o vento que agita as copas das florestas entre a aurora e o nascer do sol? É a jovem Europa que surge, é o nascimento de uma época; é o sopro de Deus anunciando aos povos o sol da humanidade! Filhos de Deus e da humanidade, levantai-vos e marchai! A hora soou.»

Revision #1
Created 25 November 2026 00:40:39 by Admin
Updated 25 November 2026 00:40:39 by Admin